



Ex-Soldado **Manuel Luís Rodrigues de Sousa**, 3º Pelotão da 2ª Compª/Bat Caç 4512/72

EPISÓDIOS DA GUERRA NA GUINÉ 1973/1974

Relatos do Ex-Soldado Manuel Luís Rodrigues de Sousa, do Bat Caç 4512/72 do 3º Pelotão da 2ª Compª sediada no Subsector de Jumbembem

2ª Companhia do Bat Caç 4512/72 Jumbembem



Guiné>Região do Oio>Farim>Sector O2>Subsector de Jumbembem 1973
3º Pel/2ª Compª/Bat Caç 4512>M Sousa é o 2º à esqª do camarada camisa branca
© Fotos ex-Sold Manuel Sousa



Guiné>Bissau>Bissalanca 29-08-1974 - 3º Pel/2ª Compª/Bat Caç 4512
Dia do nosso Regresso, observe-se e compare-se o aspecto físico dos camaradas
Comparar com a foto do Uíge
© Fotos Alf Idelberto Pedroso

O MISTÉRIO DO RIO CACHEU

A 12 de Janeiro de 1973, terminado o período de um mês de instrução, o chamado IAO, que teve lugar no quartel do Cumeré, próximo de Bissau, o Batalhão 4512/72 desloca-se para o seu local de destino, Farim, a cerca de 100 quilómetros, transportado por uma longa coluna de viaturas.

Partiu do Cumeré cerca das 6H00 da manhã, passando por Nhacra, Mansôa, Mansabá, Cutia e K3, com paragens em todas estas localidades, onde estavam instalados quartéis militares, para batimento de zona com tiros de obus ao longo da estrada com aquele destino, para segurança da passagem da coluna.

Depois de todas estas paragens, após passar o K3, a coluna voltou a parar, desconhecendo-se o que se estava a passar à frente, visto que eu seguia numa das últimas viaturas, avançando apenas de vezes em quando escassos metros.

Cerca do meio dia, à medida que a minha viatura e as que a precediam avançavam a passo de caracol, apercebi-me que as viaturas estavam a entrar numa jangada no rio Cacheu, em direcção à outra margem, numa extensão de 200/300 metros, onde se via já a vila de Farim.

O rio Cacheu é um dos principais rios da Guiné, com uma extensão de cerca de 200 quilómetros, que cruza aquele país quase na sua totalidade, no sentido nascente-poente.

É um curso de água ora estagnada, ora com uma ligeira corrente, cuja profundidade permite a navegação de barcos até 2000 toneladas, até próximo da vila de Farim, com uma largura média de cerca de 200/300 metros, que se serpenteia por entre luxuriante vegetação até depois desta localidade, onde se subdivide, formando os rios de Jumbembém e de Canjambari, os quais penetram mais para leste para o interior do território.

Ao chegar a vez da minha viatura entrar na jangada, num conjunto de 4/5 viaturas que passavam de cada vez, reparei que a corrente do rio se deslocava no sentido nascente-poente.



Guiné>Região do Oio>Farim>Sector O2>Jangada atracada ao cais de Farim
Margem direita do Rio Cacheu
© FotoJoaquim Silva CCS/Bat Caç 4512

Cerca das 3 horas da tarde, parte da coluna saiu de Farim com destino a Jumbembem e Cuntima, por uma picada em terra batida, para ali deixar a 2ª e 3ª Companhias, respectivamente.

Chegámos a Jumbembém, passando por Lamel, já ao fim da tarde, cobertos de pó vermelho, que mal se podia respirar, provocado pelas viaturas em movimento na picada, já que era época de seca. Ali recebemos as boas vindas pelos “velhinhos” que, para o efeito, improvisaram máquinas de filmar, cuja película eram rolos de papel higiénico, além da cantilena: “piriquito vai no mato, olé...lé...lé...a velhice vai prá Metrópole olaré...lé...lé”.

A melhor maneira de tirar aquela poeira, foi beber uma “bazooca” (cerveja com cerca de 60 cl) que se consegui lá na espécie de bar, mas quente como sopa. (os frigoríficos a petróleo estavam avariados).

Passado algum tempo, talvez volvido um mês, coube ao meu pelotão, o 3.º, escoltar a coluna a Farim para o transporte de reabastecimentos.

E qual o meu espanto, entrei quase em pânico ao duvidar da minha sanidade mental, julgando que “já estava apanhado pelo clima”, ao verificar que a corrente do rio Cacheu se dirigia no sentido poente-nascente, precisamente ao contrário do que tinha visto antes.

Fiquei mais calmo quando alguém me esclareceu que os rios na Guiné não têm corrente.

Como o terreno é plano, cuja altitude média é de 4/5 metros, os rios são uma espécie de vasos comunicantes com o mar:

As correntes dirigem-se para leste, no caso do rio Cacheu, aquando da preia-mar e em sentido contrário quando ocorre a baixa-mar, embora a horas cada vez mais diferenciadas, à medida que os rios se afastam para o interior do território.

Apenas têm corrente própria algumas linhas de água na época das chuvas, de Maio a Outubro, que escorrem das bolanhas [terrenos alagadiços utilizados no cultivo do arroz] em direcção aos rios de correntes pendulares, como no caso que acabei de referir.

Mais tarde, em Fevereiro de 1974, quando regressava de férias de Bissau viajei numa embarcação de reabastecimento, designada por LDG, protegida por um vaso de guerra em locais mais perigosos do percurso, percorrendo quase todo o rio Cacheu até Farim, durante dois dias, com paragens de reabastecimentos em quartéis que se situavam nas margens do rio.

Então, para menor esforço, a embarcação navegava quase sempre a favor das correntes, ou seja, aproveitava os períodos de subida da maré para se deslocar para o interior.

Foi esta a partida que o Rio Cacheu me pregou e que quis partilhar convosco!!!!

Este episódio ilustra bem a desvantagem das Forças Armadas portuguesas em relação aos guerrilheiros do PAIGC, nativos da Guiné, ao desconhcerem o meio em que actuavam no teatro de operações, cuja adaptação, nas diversas comissões, ao longo de doze anos de guerra, em grande medida lhes custou danos irreversíveis: a perda de muitas vidas humanas e, pior ainda, milhares de estropiados de guerra, para não falar daqueles que fisicamente saíram ilesos do conflito, mas que, psicologicamente, ficarão marcados de forma indelével para toda a vida.

Um abraço para todos.

Manuel Sousa.

Março de 2011

TABANCA JUMBEMBEM CONSTRUÍDA PELA CCAÇ 2548 1970/71



Guiné>Região do Oio>Farim>Sector O2>Subsetor de Jumbembem
Vista parcial de Jumbembem 73/74 - Avista-se a tabanca nova construída pela m/ CCAç 2548 em 1970
O refeitório, semi-destruído e a casa do Forno
Entre a tabanca e estes casebres avista-se o espaldar dos OBUS 14 que em 1970 nunca existiram
© Fotos ex-Sold Manuel Sousa- 3º Pel/2ª Compª/Bat Caç 4512

[...]



Guiné>Região do Oio>Farim>Sector O2>Subsetor de Jumbembem73/74
Manuel Sousa na Tabanca com a lavadeira
© Fotos ex-Sold Manuel Sousa- 3º Pel/2ª Compª/Bat Caç 4512



Guiné>Região do Oio>Farim>Sector O2>Subsetor de Jumbembem73/74
Obus 14>Manuel Sousa ao centro em camisa nº 2
© Fotos ex-Sold Manuel Sousa- 3º Pel/2ª Compª/Bat Caç 4512



Guiné>Região do Oio>Farim>Sector O2>Subsetor de Jumbembem73/74
Berliet danificada em consequência do rebentamento de uma mina A/C
Este engenho explosivo foi accionado na picada para Norte de Jumbembem
Picada que iniciava ao fundo da pista de aviação para o Senegal
Sare Leão>Sare Mancamã>Saman>Senegal
Em resultado deste rebentamento ficou ferido ligeiramente o Alf Pedroso
© Fotos ex-Sold Manuel Sousa- 3º Pel/2ª Compª/Bat Caç 4512



AVÉ MARIA DO SOLDADO

Jumbembem, 12 de Março de 1973

Dedicada madrinha

Acabou de chegar um helicóptero a este fim de mundo.

O “pombo-correio” que trouxe no bico as sempre esperadas mensagens para todos nós militares, aqui neste cativeiro de guerra, no meio do nada.

Melhor dizendo, no meio do mato, onde o calor intenso, a poeira vermelha, as tempestades tropicais e as ferradas de enxames de mosquitos já pouco incomodam, comparando com o silvo das balas, o troar dos canhões e morteiros, o metralhar da “costureirinha” e o cheiro a pólvora queimada, em dias de “festa” cá em Jumbembem e arredores.

Uma dessas mensagens era a sua para mim desejada carta, a que estou a responder através deste meu “bate-estradas”, cujas linhas os meus olhos percorreram avidamente, como sedento no deserto à procura de uma gota de água, bebendo as suas palavras uma a uma, que me transmitiram, bem haja por isso, esperança e coragem para melhor suportar estes momentos tão difíceis, neste meio hostil, longe de familiares e amigos.

Fixei-me demoradamente a contemplar o bonito sorriso do seu rosto, patente na fotografia que teve a amabilidade de me enviar, como que deslumbrado e encantado pela sua beleza e, particularmente, pela brancura da sua tez, já que há tanto tempo não via uma mulher branca e tão bonita.

Aqui as bajudas [raparigas], sendo algumas também bonitas, a cor da sua pele, como sabe, é diferente..., fazem parte de outra cultura.

Vejo em si a minha confidente, imagino-a até como a minha “Nossa Senhora” que me ampara, e, como tal, veja nesta minha missiva uma prece, uma oração, uma avé-maria deste soldado, para que continue a conceder-me a graça da sua simpatia e do seu conforto.

Termino, agradecendo-lhe esse seu gesto altruísta, de dispensar parte do seu tempo a confortar este simples soldado que sou, ao serviço da Pátria.

Com as suas palavras, creia, neste quotidiano de guerra, - o perigo que espreita por entre o capim, por de trás de cada árvore, sob o chão das picadas - sentir-me-ei mais confiante, mais seguro, mais afoito, do que com a própria espingarda que tenho por companhia.

Adeus, até à volta do correio.

Manuel Luís Rodrigues Sousa



Na sequência das minhas memórias de guerra que tenho vindo a escrever, era inevitável não fazer referência às nossas simpáticas, dedicadas e altruístas madrinhas de guerra.

Como forma de as homenagear, escrevi esta carta, com data fictícia, a data do meu aniversário, tentando reconstituir, o mais fiel possível, aquilo que um dia escrevi para uma das minhas madrinhas, no decorrer dos anos de 1973 e 1974

No fundo, condensei nesta carta as centenas de missivas que lhes dirigi, de tal forma “eloquentes” e de caligrafia aprimorada, modéstia à parte, mas elas é que o diziam, que não acreditavam que eu tivesse como habilitações literárias apenas a 4ª classe.

Aliás, esses dotes eram-me também reconhecidos pelos meus camaradas de pelotão, a ponto de, ainda hoje, aquando dos convívios anuais, eles me lembrarem dessa perfeição com que escrevia.

Um desses camaradas, sabendo desses meus atributos, sugeriu-me para escrever a uma rapariga sua vizinha, em Castro D’Aire, uma beldade lá da terra, segundo ele dizia, mas prevenindo-me de que ela era “estudanta” e que, por isso, não ligava a qualquer um. Sobranceria, talvez, que existia naquela época por parte dos estudantes, em relação aos menos letrados, ou, ao invés, o complexo de inferioridade por parte destes, em relação àqueles.

Aceitei a sugestão.

Escrevi-lhe, e, para admiração do Salvador Rodrigues da Costa, desse meu camarada, a “estudanta” respondeu.

Foi mais uma simpática e dedicada madrinha de guerra, com quem tive o prazer de me corresponder.

Além das madrinhas de guerra com quem me correspondia, tinha uma forma peculiar de arranjar sempre mais uma.

Nunca eram de mais.

Escrevia um aerograma, o célebre “bate estradas”, com uma simples apresentação de quem eu era e fazendo o convite para o efeito.

Endereçava-o para determinada localidade da Metrópole, com a seguinte mensagem no exterior:

“Para a menina que se dignar corresponder-se, como madrinha de guerra, com um soldado em serviço no ultramar”

Utilizando a terminologia da pesca, o “isco” estava lançado.

Muitas vezes o “anzol” veio sem nada, ou seja, os “bate-estradas” tiveram como destino certo o caixote do lixo.

Outras vezes tinha mais sorte.

A mensagem era acolhida e iniciava-se então a troca de correspondência com mais uma das minhas confidentes, culminando algumas vezes com a troca de tórridas cartas de amor.



No final da comissão, aquando do regresso, desfiz-me do volumoso maço da correspondência trocada com as madrinhas de guerra, e não só, por falta de espaço na mala [hoje seriam uma relíquia]. Recentemente, ao fazer arrumações no sótão cá de casa, encontrei numa bolsa dessa mesma e já carcomida mala, uma pequena carteira em plástico, ressequida pelo tempo, com o desenho do crachá do Batalhão 4512, "os setas", a que eu pertencia. Já não me lembrava daquele objecto, recordando-me então que aquela mesma carteira tinha sido oferecida pelo Batalhão a todos os militares em Tomar, aquando da partida para a Guiné.

No seu interior, numa pequena bolsa, encontrei a fotografia de uma jovem que reconheci como uma das minhas madrinhas de guerra, há 38 anos atrás, de cuja naturalidade não me recordo.

No verso tem a dedicatória: "Com muita dedicação da madrinha sempre amiga Isabel", e tem a indicação de que foi revelada na FOTO CRISTO.



A velha carteira onde se encontrava esta fotografia, de uma das minhas bonitas madrinhas de guerra!



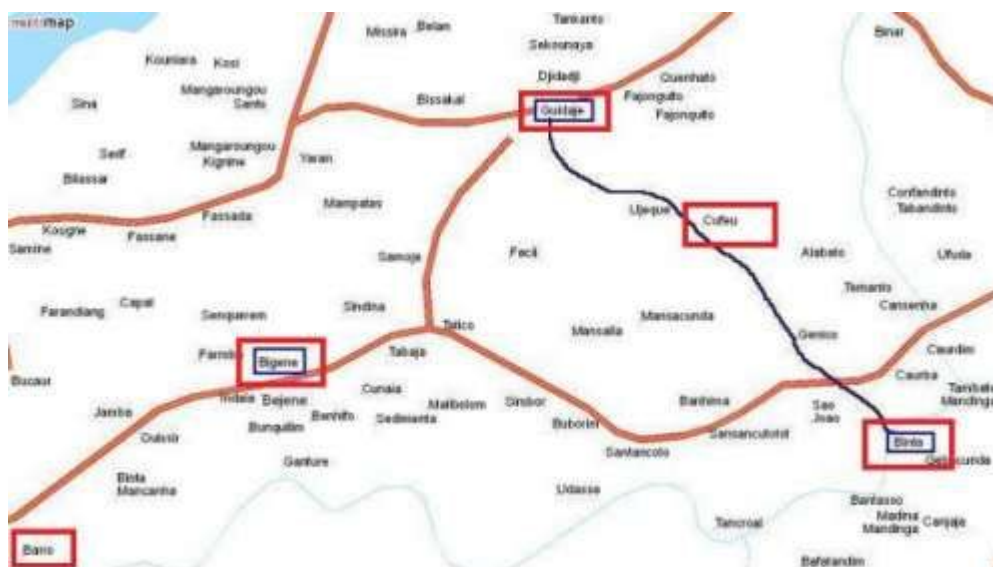
Verso da fotografia com a dedicatória.

Foi este achado que me levou a mais rapidamente prestar esta homenagem a todas as madrinhas de guerra, personificadas por esta jovem, hoje aproximadamente da minha idade, cuja fotografia, para o efeito, faço questão de inserir neste texto.

Como dizia no final da carta, as suas palavras produziam em nós mais confiança e mais segurança do que as próprias armas com que calcorreávamos os trilhos da mata e as picadas.

Eram a nossa arma secreta.

Assim, para todas elas, as madrinhas de guerra de Portugal, e em particular para aquelas com quem directamente me correspondi, inclusive a Isabel, como reconhecimento da estima e dedicação que nos dispensaram, tão importantes para o levantamento da moral e auto-estima de todos nós, escrevi esta carta como forma de, em meu nome pessoal e de todos os ex-combatentes, lhes prestar a mais sincera homenagem.



Guiné>Região do Oio>Itinerário>Binta>Cufeu>Guidage
Itinerário Onde se deram os confrontos entre as NTversusIN-PAIGC

O nosso camarada Manuel Luís Rodrigues Sousa, propõe-se a fazer o relato de dois dos vários recortes de guerra em que esteve envolvido, intervalados com a partilha de uma lição de vida, dentro do contexto da guerra:

1 - O Inferno de Guidage em Maio de 1973

A Morte do Camarada Manuel Maria Rodrigues Gerales

10 Maio de 1973, nos primeiros dias do mês, encontrava-se o meu pelotão no limite da picagem, do subsector de Jumbembém, entre esta localidade e Canjambari, em Sare Tenem, [CS - para nós também de má memória] a fazer segurança à picada até ao regresso da coluna.

Cerca das 10/11 horas começou a ouvir-se intenso bombardeamento para os lados de Farim, dando para perceber, contudo, que o mesmo bombardeamento era muito mais longe, indiciando que, àquela hora, se trataria de alguma emboscada, já que os ataques a quartéis por parte do PAIGC, estava quase convencionado que só ocorriam ao cair da noite até ao princípio da madrugada.

Durante todo o dia em que ali permanecemos o intenso fogo continuou, com uma ou outra pequena interrupção, chegando-nos então a informação, através do homem das transmissões, que o quartel de Guidage estava a ser atacado.

Logo no dia seguinte, já no quartel, tivemos conhecimento que uma coluna de reabastecimentos que se deslocava de Farim, ou de Binta, para Guidage, que continuava em constante flagelação, tinha sido atacada antes da bolanha do Cufeu, [CS - para mim tb má memória - Outubro/69] resultando alguns mortos e a destruição de 3 ou 4 viaturas, uma delas visível na fotografia seguinte.

A fim de reforçar uma outra coluna em preparação com destino a Guidage.

A arrepiante história desta coluna é contada na primeira pessoa pelo ex-furriel Fernando Araújo, [vid o seu relato] que creio que comandava aquele pelotão na altura,

Regressou então o 2º pelotão a Jumbembem com uma baixa, o soldado Manuel Gerales, que foi enterrado em Guidage, juntamente com outros militares. [exumado em 2008,] juntamente com outros militares, alguns deles pára-quedistas, cujos restos mortais foram trasladados para a aldeia da sua naturalidade, próximo de Bragança. O livro "A última Missão" de José Moura Calheiros tem como base o resgate dos restos mortais destes militares.



Soldado falecido, Manuel Gerales, fotografia tirada ainda no Cumeré

Guiné>Região do Oio>Cumeré, Centro de Instrução Militar - IAO - 1972

Na foto está indicado o malogrado Manuel Gerales

© Fotos ex-Sold Manuel Sousa- 3º Pel/2ª Compª/Bat Caç 4512

A Morte do Camarada Domingos da Silva Lopes

20 de Maio de 1973, foi a vez do 3º pelotão, a que eu pertencia, comandado pelo Furriel Aires, coadjuvado pelo Furriel Pereira, já que o pelotão passou por alguns períodos “órfão” de comando de oficial subalterno, visto que o alferes Pedroso tinha sido destacado para uma companhia de nativos, CCAç 14 para o K 3, receber ordens para se deslocar para Binta, já com a missão definida de manter a segurança da picada entre Binta e Guidage, atrás de uma coluna de reabastecimentos que entretanto já tinha partido dali para Guidage.

Avançámos então, cerca das 11 horas, creio que acompanhados também por alguns militares de Binta ou de Farim, conhecedores do percurso.

Passámos as viaturas destruídas na emboscada a que atrás me referi, em local de mata muito densa e, um pouco mais à frente, encontrámos a referida coluna parada, com um fuzileiro com uma perna cortada por ter accionado uma mina anti-pessoal.

Regressou então a coluna e todo a força a Binta, com excepção de um grupo de pára-quedistas que mais tarde chegou a Guidage, depois de ter caído em uma ou duas emboscadas por parte do PAIGC.

Ali permanecemos quase uma semana, a ração de combate e sem tomar banho, a aguardar a organização de uma coluna reforçada com comandos, fuzileiros, pára-quedistas, sapadores e engenharia em número aproximado de 300 a 400 homens, talvez para mais.

No dia 29 de Maio, cerca das 09H00, esta coluna, incluindo o meu pelotão, inicia a progressão em direcção a Guidage.

Os sapadores à frente a picar, com os flancos, pelo interior da mata, protegidos por fuzileiros e pára-quedistas, seguindo o resto da força atrás a pé e nas viaturas, incluindo um grupo de comandos e engenharia com máquinas caterpillares.

A cerca de 4 ou 5 quilómetros, antes das viaturas destruídas a que acima me referi, zona já mais perigosa, os sapadores recusaram-se a picar, alegando cansaço físico.

É então recebida ordem para o pelotão de Jumbembem, em que eu estava integrado, avançasse para a frente para picar.

Nesse dia, na escala que tínhamos no pelotão, calhava-me a mim a picar.

Cheguei à cabeça da coluna e foi-me entregue uma pica [um pau com um ferro num extremo] pelo capitão que comandava a coluna, ordenando-me que começasse a picar na rodeira do lado esquerdo, para logo, após umas picadelas, me ordenar para passar para a rodeira do lado direito, já que atrás de mim se encontrava outro picador, o soldado Lopes, seguindo mais dois atrás, um de cada lado, seguidos de um grupo de Comandos.

Entretanto, após ter começado a picar, há um oficial que sugere ao referido capitão, para, a partir dali, as máquinas da engenharia comecem a abrir nova picada paralela àquela, dada a forte probabilidade de estar minada.

Referiu que não, argumentando que ali o terreno era firme, pois só mais lá para a frente é que as máquinas abririam nova picada.

Continuei então a picar, pelo lado direito, sobe grande tensão, em silêncio, ouvindo-se apenas os motores das viaturas um pouco distantes à retaguarda, debaixo de calor intenso e reparei que à frente, a cerca de 20 metros, do lado esquerdo da picada, se encontrava uma árvore de grande porte, cujas raízes salientes no terreno atravessavam a picada.

Eu era o primeiro homem lá à frente, sendo certo que pelos flancos, pela mata, como atrás referi, seguiam forças de fuzileiros e pára-quedistas.

Ouvi o soldado Lopes que me precedia, como disse na rodeira do lado esquerdo, a dizer-me em sussurro: “Sousa, vamos com cuidado”.

No mês de Maio já as primeiras chuvas tinham caído e o terreno da picada estava tão uniforme que não dava para se vislumbrar quaisquer vestígios que me permitissem detectar visualmente a existência de minas.

Depois de picar cerca de 50 metros, isto é, já picava para lá da referida árvore a cerca de 20/30 metros, ocorre atrás de mim uma enorme explosão, o que me levou instintivamente a baixar-me para me proteger, ficando envolvido por fumo negro e terra que me caiu em cima em consequência da mesma explosão.

Momentaneamente o silêncio foi absoluto, interrompido entretanto pelo queixume de alguém a trás: “ai minha mãezinha”.

Continuei então ali amarrado, até que, volvidos alguns instantes, me foi passada a palavra que o pessoal de Jumbembem regressaria a Binta.

Recuei pelas pegadas que tinha feito em sentido contrário e apercebo-me, ao chegar novamente à referida árvore, que o meu colega, soldado Lopes, que me substituiu na rodeira do lado esquerdo, estava morto e o que clamava “ai minha mãezinha” era um furriel dos Comandos que evidenciava esfacelamento do rosto, que teria sugerido ao soldado Lopes para picar precisamente sob as raízes da árvore que referi. [Sabe-se que este furriel ficou cego em consequência dos ferimentos].

Vi ainda mais um ferido ou outro, mas sem gravidade.

Regressou o meu pelotão em duas viaturas a Binta, transportando o corpo do soldado Lopes, que depositámos numa das muitas urnas que se encontravam armazenadas, umas já ocupadas outras vazias, num armazém em Binta, cujos restos da estrutura ainda podem ver na fotografia recente que se segue.



Navio Uíge, Dezembro de 1972 - O 3º Pelotão Comandado pelo Alf Mil Idelberto Pedroso
Pertencente à 2ª Compª/Bat CAç 4512

O malgrado Sold Domingos Lopes está assinalado com a seta
© Fotos ex-Sold Manuel Sousa- 3º Pel/2ª Compª/Bat CAç 4512

Binta

Segundo diz, Manuel Sousa, Já não voltara a integrar a coluna, o nosso estado de ânimo, pelo que descrevi, já não era o melhor, e soubemos que a partir daquele local a coluna continuou por uma nova picada até próximo da bolanha do Cufeu e, quando entrou novamente na picada velha, um condutor que já se encontrava em Bissau para regressar à Metrópole, depois da sua comissão cumprida, entretanto incorporado na coluna, ao desviar-se um pouco do trilho das outras viaturas, accionou uma mina que lhe causou a morte. António Luís do Couto Toste Ferreira



Regressámos então a Jumbembém sem o nosso Camarada Domingos Lopes.

O nosso estado físico e psíquico é bem ilustrado pela minha fotografia, aquando da chegada de Guidage a Jumbembém. Com 22 anos, mais parecia ter 60 anos.

Para melhor avaliarem, comparem esta minha foto à esquerda com a outra fotografia a seguir em que estou com a bazooka..



Vou aqui reproduzir um excerto do relato do nosso camarada José Afonso, ex-furriel da CCVA 3420, que se refere precisamente à situação que eu acabei de descrever mais em pormenor, cujo texto mais abrangente pode ser visto neste link: *"...A 29 de Maio inicia-se a abertura do itinerário Binta / Guidage. Cerca das 10 horas, ao ser feita a picagem, foi accionada uma mina anti-carro de que resultou um morto, um furriel cego e 2 feridos ligeiros que foram evacuados para Binta, escoltados por 2 Unimogs e cerca de 30 homens que, chegados a Binta, nunca mais regressaram como estava decidido [não foram por isso punidos]"*.

Sobre este excerto, principalmente sobre o parêntese com que termina, quero fazer um comentário:

À data dos factos que acabei de narrar, mesmo como simples soldado que era, tive a percepção de que o meu pelotão, sem comando de oficial, depois dos sapadores se recusarem a picar ao chegarem à zona mais perigosa da picada, foi "empurrado" lá para a frente como rebenta-minas.

Se tivéssemos connosco o alferes Pedroso, que tinha sido o Comandante do pelotão, homem de estatura baixa, mas um gigante na sua convicção e determinação, depois do pessoal especializado se recusar a picar, nós jamais seríamos incumbidos dessa tarefa e a alternativa para o capitão seria mesmo decidir abrir nova picada como estava previsto.

A esta distância de 37 anos, acabo de saber pela narrativa do José Afonso, que o capitão que comandava a coluna, o que me entregou a "pica" para picar, era o capitão Salgueiro Maia, cuja companhia que comandava, CCVA 3420, integrava a mesma coluna. Sabendo isso hoje, é caso para perguntar: porque é que não envolveu os militares da companhia dele na picagem?

Queria só dizer, e voltando ao teor do texto do José Afonso, o meu pelotão recebeu ordens para regressar a Binta com o corpo do falecido soldado Lopes. Não sei se havia ordens transmitidas ao furriel Aires que nos comandava para depois voltarmos a regressar à coluna, o que é certo é que não voltámos.

Lamento que o José Afonso tenha referido "não foram por isso punidos". Não podíamos ser mais punidos do que termos estado naquele inferno, com as consequências trágicas que relatei, cujo castigo nos marcará de forma indelével ao longo das nossas vidas.

2 - AFINAL, OS ANJOS ACOMPANHAM-NOS

Ser Solidário - O Soldado Pires

Binta Maio 1973

Enquanto o meu 3º pelotão esteve deslocado da sua companhia, de Jumbembém, envolvido nos acontecimentos de Guidage que acabei de relatar, permanecemos no quartel de Binta.

Como já descrevi, ali ficámos mais de uma semana a ração de combate, sem tomar banho e mudar de roupa, a dormir no chão, o que, juntamente com todas aquelas emoções em teatro de guerra, no fim daquele período, nos deu o aspecto que a minha fotografia com a bazooka bem ilustra.



No meio daquele clima de guerra, algo de útil aprendi sobre generosidade e solidariedade humanas:

Travei conhecimento em Binta com um militar, o soldado Pires, que tínhamos em comum sermos ambos transmontanos. Pertencíamos ao mesmo Batalhão, mas como ele estava em Binta [1ª Compª/Bat Caç 4512] e eu em Jumbembém [2ª Compª/Bat Caç 4512] não nos conhecíamos, muito embora a fisionomia dele não me fosse estranha, porque frequentou a recruta em Vila Real como eu e do facto de termos viajado juntos no paquete "Uíge" na ida para a Guiné.

Ele como "estava em casa" tinha a alimentação normal, confeccionada, e eu como estava deslocado tinha a minha ração de combate.

Um dia à hora do almoço, estava eu a comer uma lata de conserva e umas bolachas de água e sal, apareceu-me ele com um prato na mão com a refeição confeccionada que lhe tocava: "toma, é para ti, estás aqui à tanto tempo a ração de combate, deixa-a... dou-te a minha refeição que te vai fazer bem".

É indescritível a comoção que me assaltou. Aliás, o mesmo aperto de garganta que estou a sentir agora ao escrever estas palavras.

Aquele gesto de generosidade não se limitou só àquela vez, a ponto de eu algumas vezes recusar, não querendo abusar da nobreza do seu carácter.

Escusado será dizer a amizade que se criou entre nós, naquele tão curto espaço de tempo.

A partir dali nunca mais tive contacto com ele.

Terminada a comissão, regressámos à Metrópole, em Agosto de 1974.

Contudo.



Guiné>Região do Oio> - COP3> Cais de Binta, 1973
O Sold Augusto Pires sentado na Berliet e assinalado com um círculo
© Foto Augusto Pires enviada por MLSousa da 2ª Cª



Guiné>Região do Oio> - COP3> 1973
O Sold Augusto Pires - 1ª Cª/BCaç 4512 Nema>Farim ou Binta
© Foto Augusto Pires enviada por MLSousa da 2ª Cª

As Volta que o Mundo Tece: Encontros; Desencontros e Reencontros.

Volvido um ano, em Setembro de 1975, ingressei na Guarda Nacional Republicana e fui colocado em Lisboa no quartel dos Lóios, junto ao castelo de S.Jorge. Entretanto constituí família e aluguei uma casa em Casal de Cambra, na freguesia de Belas, Sintra.

Uma casa geminada com outra igual, cujo senhorio era o mesmo, que me disse que a outra casa tinha sido alugada também por um guarda a prestar serviço no quartel do Beato, também em Lisboa.

Decorreu um lapso considerável de tempo, talvez um mês, sem eu conhecer o outro inquilino: estávamos em quartéis diferentes, turnos diferentes, não se proporcionando por isso qualquer contacto de vizinhos.

Um dia ao sair de casa, olhei para a direita e imaginem quem estava encostado à ombreira da outra porta, da tal casa geminada!

O soldado Pires em pessoa.

O que se passou depois, já todos vós estais a imaginar. Afinal os anjos acompanham-nos.

Não resisti a partilhar convosco esta lição de vida.

2-A - NÃO CHEGUEM TARDE COMO EU - A morte do meu camarada Pires

Volvidos alguns dias após a descrição dos factos que acabaram de ver, proponho-me a produzir mais este pequeno texto, sem o qual aquele trabalho ficaria incompleto.

Entre os dois episódios de guerra que vivi e que relatei naquele trabalho, abri um parêntese com um texto a que dei o nome de “afinal os anjos acompanham-nos”. Utilizei esta imagem para ilustrar o facto de eu referir que no meio daquele ambiente adverso de guerra, entre tiros e bombas, havia lugar a actos de solidariedade e generosidade humanas.

Referi-me concretamente aos gestos que o soldado Pires teve em relação a mim e ao nosso reencontro em Casal de Cambra, emocionando-me de tal modo que, estranhamente, não consegui conter as lágrimas.

Depois desse reencontro em Casal de Cambra, ali vivemos como vizinhos durante o ano de 1977 até meados do ano de 1978, altura em que fomos transferidos, a nosso pedido, aqui para o norte, tendo ele sido colocado no Posto Territorial da Guarda Nacional Republicana de Torre D. Chama, próximo de Mirandela e eu no Posto Territorial de Vila do Conde, onde fiz toda a minha carreira, com uma pequena passagem pelos Carvalhos e por Matosinhos, até à minha reforma.

Absorvido pelas lides do dia a dia, que nem sempre é justificação, fui adiando sucessivamente o contacto com aquele meu amigo.

Provavelmente com ele aconteceu o mesmo, a ponto de nunca mais nos contactarmos até hoje.

Terminado este trabalho, já publicado no Site “Guerra na Guiné 63/74”, e já enviado a alguns camaradas de guerra, quis fazer uma surpresa, em especial, ao meu amigo soldado Pires de lho enviar, para lhe relembrar aquelas peripécias de guerra que vivemos em comum e, principalmente, aqueles gestos de solidariedade que ele teve comigo, restabelecendo assim novamente o contacto entre ambos.

A surpresa foi minha e foi dura!

Apercebi-me de quão tarde já era.

Um dos anjos que me acompanhava na terra, já me acompanha a partir de outro lado, seja de onde for e, provavelmente, aquando do ataque de choro a que acima me referi, seria ele a dizer-me através do meu subconsciente que já me acompanha a partir de outra dimensão.

Do outro lado do telefone, do Posto de Torre de D.Chama, foi-me dito friamente que o meu amigo Pires, de seu nome completo Orlando Augusto Pires, já não faz parte do número dos vivos. Faleceu há cerca de quatro anos!

Sobre o que senti naquele momento..., poupem-me descrevê-lo!

Continuei na minha investigação, fui encontrar a esposa, D. Clarinda, na aldeia de Martin, próximo de Bragança, onde ele vivia também.

Localizei um dos filhos, o Jorge, a criança loura de 4 ou 5 anos que nos encantava com as suas traquinices quando vivíamos em Casal de Cambra, hoje com idade próxima dos 40 anos, também soldado da Guarda Nacional Republicana, a prestar serviço no Posto de Izeda, Bragança.

O mínimo que posso fazer em homenagem àquele meu amigo, é enviar todo este trabalho aos familiares, bem sabendo da chaga que irá reabrir no coração daquela família com derramamento de mais lágrimas.

Mas queria com isso deixar o meu testemunho da simplicidade, generosidade, solidariedade, em suma, da nobreza de carácter daquele meu amigo, de quem os familiares muito se devem orgulhar de o terem tido como marido e como pai.

Este recorte da vida, lição de vida, o que lhe quiserem chamar que convosco quis partilhar, visa essencialmente sensibilizar-vos para que não deixem correr o tempo, como eu fiz neste caso, adiando ir ao encontro de um familiar, de um amigo. NÃO CHEGUEM TARDE COMO EU.

Um abraço para todos.

Manuel Sousa

Fevereiro de 2011

3 - MINAS ENTRE JUMBEMBEM E LAMEL

20 de Maio de 1974, um ano após os acontecimentos de Guidage, um mês depois do 25 de Abril, o PAIGC, aproveitando a indefinição e a fragilidade políticas de Portugal, intensificou a sua acção na Guiné, a que o quartel de Jumbembém não foi excepção.

O limite do subsector de Jumbembém era numa linha de água designada por rio Lamel, situada a cerca de 3 Km para o lado de Farim, cuja ponte, de pedra e cimento, estava frequentemente sabotada por parte do PAIGC.

A passagem das viaturas muitas vezes só era possível sobre troncos de árvore que se colocavam sobre a referida ponte, para suprir a sua destruição parcial. Tratava-se de uma zona perigosa, porque era ali nas proximidades da ponte que os guerrilheiros do PAIGC passavam do Senegal para uma das suas “zonas libertadas”, Bricama, e vice-versa.

Então, num desses dias de Maio, durante a noite, foram ouvidas em Jumbembem algumas explosões para o lado de Lamel, presumindo-se que se trataria de mais uma sabotagem à ponte, pelo que foram feitos uns disparos de obus naquela direcção, a que se chamava o batimento da zona.

No dia seguinte foi recebida informação, através dos pilotos de dois helicópteros que deslocaram -se a Jumbembem, que a ponte estava destruída e a picada estava obstruída por abatimento de árvores.

Já sabíamos o “barril de pólvora” que nos esperava aquando da realização da próxima coluna.

Talvez logo no dia seguinte, não me recordo bem, foi organizada a coluna a Farim, com a prévia picagem da picada até Lamel.

Nesse dia a picagem estive a cargo do 3º pelotão, a que eu pertencia, reforçado pelo 4º pelotão, creio, e entre os quatro homens destinados a picar, eu, mais uma vez, estava incluído.

À saída do quartel, um dos quatro picadores, sabendo o que nos esperava, fez tudo para ir a picar em último.

Coloquei-me então eu à frente, do lado direito, outro atrás, do lado esquerdo, outro mais atrás, do lado direito e o tal que fez questão de ir em último mais atrás, do lado esquerdo.

Como “picas” usávamos, nesta altura, umas varas com cerca de 4 ou 5 metros de comprimento, as chamadas “canas da índia”, que nos permitia estar o mais longe possível de eventuais explosões de minas ao serem tocadas.

Sensivelmente a meio do percurso, próximo do chamado “alto de Lamel”, apercebo-me da existência de rastos de bota diferentes das que nós usávamos, ao longo da picada, junto ao capim, que segui atentamente.

A dada altura, cerca de 20 metros depois, aqueles rastos deixaram de se ver, desfeitos aparentemente por um arbusto.

Ali parei e olhei mais em pormenor a picada e vi um quase imperceptível rebaixamento, portanto na rodeira do lado direito, muito alisado.

Passei a palavra para trás para o alferes Macedo, comandante do 4º pelotão, especializado em minas e armadilhas, se deslocar até mim.

Depois de lhe ter relatado a situação, mandou-me recuar e colocou um pequeno petardo junto ao tal rebaixamento que, com a sua detonação, originou o rebentamento duma potente mina anti-carro, abrindo uma enorme cratera na picada.

Reiniciámos novamente e progressão e, a cerca de 20 metros depois, ouvi uma pequena explosão atrás de mim, o que me levou a baixar imediatamente, pensando tratar-se de alguma emboscada.

Apercebi-me então que foi uma outra mina que explodiu na rodeira do lado esquerdo, acionada pelo tal militar que fez tudo para ser o último da picagem.

Por sorte a mina fazia parte de algum lote antigo e já não se encontrava em condições, rebentando apenas o dispositivo anti-pica, deixando o explosivo da mina anti-carro à vista, uma espécie de gesso em fragmentos.

Prosseguimos mais uma vez, e já com as tais árvores que obstruíam a picada à vista, a cerca de 200 metros, vejo indícios idênticos ao anterior.

Repetiu-se o mesmo procedimento, com a explosão de outra mina, originando, também, uma profunda cratera.

Continuámos e, a escassos metros, ouço outra pequena explosão a trás, concluindo-se que foi mais uma mina que rebentou na rodeira, do lado esquerdo, depois de passar o tal último picador, debaixo da roda da frente de uma berliet da coluna que vinha atrás. Felizmente também com deficiência, à semelhança da anterior, rebentando apenas o pneu da viatura.

Chegámos então às árvores caídas na picada, a escassos 200 metros da ponte e, junto a uma delas, fora da picada, tinha explodido uma mina anti-carro, accionada por um javali.

A partir dali as viaturas saíram fora da picada e atravessaram o rio, na altura sem água, ao lado da ponte, restabelecendo-se a ligação com Farim, cujos picadores já estavam do outro lado à espera.

Não houve qualquer contacto com o IN, contudo tudo se passou sob um estado de tensão só imaginável por quem por ali passou.

Passados alguns dias iniciaram-se os contactos com o PAIGC, no sentido de se acabarem as hostilidades

Aqui fica o meu testemunho destes dois dos vários episódios de guerra em que estive envolvido.

Uma nota final:

Por tudo aquilo que vi no teatro de guerra da Guiné, admirei a disciplina, a coragem e até a valentia das chamadas forças especiais, Marinha (fuzileiros), Força Aérea (para-quedistas) e Comandos, sendo o seu contributo importante nos momentos mais críticos da guerra nesta província, como no caso de Guidage.

Mas, sem querer aqui esgrimir argumentos a favor ou contra qualquer ramo das Forças Armadas, porque todas elas deram o seu melhor nas missões que lhe foram atribuídas, não queria deixar uma referência especial para o Exército, a que eu pertencia:

Como força de quadrícula, ou seja, cada unidade ou sub-unidade era instalada no terreno, num sector, cuja missão era:

- De defesa desse sector (operações e patrulhamento, colunas, construção de valas e instalações abrigo, vedações de arame farpado, etc.);

- De logística (construção e manutenção de infra-estruturas, manutenção de viaturas, alimentação, reabastecimentos, etc.);

- De âmbito social, em relação às populações sob a sua responsabilidade (construção de tabancas, apoio sanitário, apoio alimentar, etc).

Com estas características o Exército tornava-se mais vulnerável. O IN sabia que estávamos ali, sabia que utilizávamos as picadas de acesso. Portanto podia surpreender-nos a qualquer momento.

Enquanto as forças especiais eram forças de intervenção e de reserva, ou seja, estavam bem instaladas em Bissau, no caso da Guiné, bem alimentadas, e nas suas operações surpreendiam o IN, com resultados sensacionais, regressando de novo à base, o Exército estava sempre no terreno, como acima disse, sob desgaste físico e psicológico, mais vulnerável às investidas do IN.

Só para dizer, e não vejam isto como “puxar a brasa à minha sardinha”, é uma constatação, que o Exército foi a força que mais sofreu física e psicologicamente, no caso da Guiné que conheço.

Aqui deixo um abraço para todos aqueles que, como eu, ali deram o corpo ao manifesto e a sentida homenagem a todos os que, infelizmente, não tiveram a sorte de voltar, em especial aos que fiz questão de identificar neste trabalho, que comigo conviveram de perto.

Um abraço.

Manuel Sousa.

20 Fevereiro de 2011